

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO
PRETO INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DEPARTAMENTO
DE EDUCAÇÃO**

ALEXSANDRO FERNANDES SILVA

O setor educativo do Museu da Inconfidência e o
projeto Cineclube "Velhos Amigos".

Ouro Preto – MG.
2022

ALEXSANDRO FERNANDES SILVA

O setor educativo do Museu da Inconfidência e o
projeto Cineclube "Velhos Amigos".

Relato de Intervenção como exigência da
disciplina EDU 171 – Seminário VII:
conclusão de curso do curso de Pedagogia
da Universidade Federal de Ouro Preto

Orientação: Prof.^a Dr.^a. Rosa Maria da
Exaltação Coutrim.

Ouro Preto – MG
2022



FOLHA DE APROVAÇÃO

Alexsandro Fernandes Silva

O Setor Educativo do Museu da Inconfidência e o Projeto Cineclube "Velhos Amigos"

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia

Aprovada em 21 de novembro de 2022.

Membros da banca

Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - Universidade Federal de Ouro Preto

Rosa Maria da Exaltação Coutrim, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 21/11/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Rosa Maria da Exaltacao Coutrim, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/11/2022, às 15:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0429016** e o código CRC **7FB03457**.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço às portas abertas que ao longo desses anos contribuíram para que eu pudesse alcançar o diploma universitário. Primeiramente ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão da Universidade Federal (REUNI) que possibilitou que discentes que não teriam chance de concorrer a uma vaga na universidade pública e de qualidade pudessem vivenciar essa experiência.

Às políticas públicas de permanência da Universidade Federal de Ouro Preto coordenadas pela Pró-reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PRACE) que foram fundamentais para a permanência e manutenção dos estudos ao longo desses anos de graduação.

Especialmente à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Rosa Maria da Exaltação Coutrim, que diante todas as dificuldades se manteve firme, demonstrando ser uma das pessoas mais humanas com quem tive o privilégio de conviver. Não haveria palavras que pudessem exprimir a sua importância e o seu impacto dentro do processo da construção do trabalho de conclusão.

Ao professor Erisvaldo Pereira dos Santos, que com toda paciência contribuiu no meu processo formativo nas disciplinas ao longo do curso. As discussões elencadas pelo educador em sala de aula me fizeram construir um olhar da realidade de maneira mais crítica.

Ao Setor Educativo do Museu da Inconfidência, que possibilitou viver experiências inimagináveis na educação para além das salas de aulas.

À Coordenadoria de Acessibilidade e Inclusão (CAIN), por poder fazer parte do núcleo de inclusão da Universidade Federal de Ouro Preto como acompanhante de estudos no período de 2020/21.

À minha família, que dentro das possibilidades me ajudou e me apoiou em minhas escolhas. O apoio foi fundamental para que não desistisse no meio do caminho. Obrigado mãe, pai e irmãos pela confiança.

Aos amigos de graduação Glauber, Alex, Rafael Venancio, Renan, Bruno, Bollywood e aos amigos da República Divina Comédia e agregados, que ao longo do tempo vivido na cidade de Mariana se tornaram a minha família. Aprendi muito com cada um de vocês

A minha companheira Regiane Palhares, com quem divido a vida e os sonhos. Obrigado por acreditar em nós.

RESUMO

Este trabalho traz uma reflexão sobre o cinema como ferramenta de inclusão a cultura de pessoas idosas residentes de uma instituição de longa permanência. Trata-se de um relato de intervenção, cuja proposta é descrever analiticamente uma determinada intervenção educativa que possa contribuir para a educação não formal. O objetivo geral do trabalho foi apresentar a ação extramuros do “CineClube: Velhos Amigos” promovido pelo Setor Educativo do Museu da Inconfidência em parceria com o Lar de idosos São Vicente de Paulo, em Ouro Preto, e a partir de tal ação refletir teoricamente sobre a importância do cinema para a educação, mais especificamente, para a população idosa. Para a reflexão teórica sobre cinema e educação foram utilizados concepções de autores como Duarte (2002); Mancini, Costa e Guilen (2019) além de obras e documentos que discutem o papel educativo do museu na contemporaneidade e a situação da pessoa idosa. O relato da intervenção, juntamente com a bibliografia analisada nos revelou que o “Cineclube Velhos Amigos” atuou como espaço de possibilidade de reflexão, educação e inclusão e contribuiu não só com a promoção do acesso de públicos vulneráveis à cultura, mas também como mediador nas vivências das novas experiências de socialização dos idosos em instituição de longa permanência através do cinema.

Palavras-chave: Educação Museal; Inclusão Social de Idosos; Cinema e Educação.

ABSTRACT

This paper brings a reflection regarding movie theaters as a culture inclusion tool for elderly citizens who live in a long term institution. It is an intervention report in which the purpose is to describe and analyze this educational involvement in a way to contribute to non-formal education. The research's general goal was to present an action beyond the walls called "CineClub: Old Friends" promoted by the Inconfidence Museum Education's Sector in partnership with São Vicente de Paulo Home, in Ouro Preto; this action reflexes over theories related the cinema's importance for education, more specifically for the elderly population. For the theoretical reflection regarding movie theaters and education, some authors were studied such as Duarte (2002) and Mancini, Costa e Guillen (2019), along with books and documents discussing the educational role museums have over nowadays society, focusing on elders. The intervention report in addition to the literature analysis revealed that "CineClub: Old Friends" acted out as a possibility for reflexion, educational and inclusion space, contributing not only with culture's access for vulnerable people, but also working as a mediator into nourishing new socialization experiences for elderly citizens living in permanent nursing homes, all throughout movies.

Key words: Museum Education; Inclusion; Social Inclusion of the Elderly; Education and Cinema.

SUMÁRIO

1 O INGRESSO E ALGUMAS VIVÊNCIAS NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO	10
1.1 O Encontro com o Setor Educativo do Museu da Inconfidência.....	11
2 POLÍTICAS PÚBLICAS DA EDUCAÇÃO MUSEAL E O DIREITO À INCLUSÃO.....	14
3 O PROJETO “CINECLUBE: VELHOS AMIGOS”	15
3.1 Como Eram Desenvolvidas as Atividades do “Cineclube”	17
3.2 O Cinema como Ferramenta de Educação e Inclusão de idosos	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

INTRODUÇÃO

O curso superior de licenciatura em Pedagogia possibilita uma formação do profissional da educação no mercado de trabalho em ambientes variados. Para além da docência nos anos iniciais do ensino fundamental, o pedagogo pode atuar na coordenação, supervisão e orientação escolar, em empresas, assessorias pedagógicas e meios difusores de culturas. Em comunhão com parte teórica do curso ao longo da formação, os estágios supervisionados são de fundamental importância para a experiência no campo da prática na área de atuação.

No curso de graduação de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), o currículo prevê quatro disciplinas de estágio supervisionado como pré-requisito formativo. A grade curricular privilegia, em sua maioria, disciplinas que estão conectadas à educação formal das crianças, adolescentes, jovens e adultos. Essas ações usualmente não são vistas como objeto de estudo na área de educação por não serem consideradas escolares (GOHN. 2010. p. 07).

A partir da experiência como estagiário em um espaço de educação não formal no Setor Educativo do Museu da Inconfidência nos anos de 2018 e 2019 busquei refletir teoricamente sobre a minha vivência educativa extramuros escolares, mais especificamente, com um grupo de idosos moradores em uma instituição de longa permanência de Ouro Preto, MG.

Nesse sentido, analisar a proposta de ação e a interação entre o Setor Educativo e públicos idosos, visando ampliar a inclusão de populações vulneráveis desempenhando um importante papel, ressaltando a função social dos museus, a noção dos direitos culturais, e arte como prática de educação democrática.

Para embasar teoricamente a reflexão, o referencial teórico analisado está centrado na sistematização das políticas públicas da educação museal e no cinema como recurso educativo de acesso à cultura. A partir da perspectiva da autora Bosi (1994), busca-se ponderar sobre a opressão da velhice na contemporaneidade e a exclusão dos velhos nas sociedades capitalistas do direito à memória. Compreender como a sistematização da legislação da educação museal como: BRASIL (1988, 2003, 2009, 2017), bem como a Recomendação da Unesco a Museus e Coleções (2015) deram

substância para a construção da noção do papel social do museu e ao acesso democrático às coleções e ao patrimônio cultural como direito universal. Autores como Duarte (2002), Mancini, Costa e Guilen (2019) foram trazidos na relação educação e cinema, visando dialogar com a experiência no lar de descanso.

O relato de intervenção buscou centralizar a narrativa emergida sobre as noções dos conceitos abordados diante a formação docente como objeto de investigação educacional, tendo a narrativa do educador como o centro dos debates educativos e das problemáticas de investigação surgidas no processo do CineClube. Diante da sistematização das políticas educacionais do museu foi realizada uma análise crítica a respeito da função social do papel do museu frente a sociedade e o Setor Educativo como ponte entre comunidade e o direito à cultura.

1 - O INGRESSO E ALGUMAS VIVÊNCIAS NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Adentrei na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) no curso de licenciatura em História no ano de 2012 a partir das políticas de cotas para estudantes que cursaram o ensino fundamental e médio integralmente na rede pública de ensino. Esse movimento ocorreu seis anos após concluir o ensino médio. O hiato de tempo entre o fim do ensino médio e o início da graduação me propiciou experiências de trabalhos como lavador de carros, garçom e motoboy.

A possibilidade de pleitear uma vaga no sistema de ensino superior público surgiu através de conversas no cotidiano sobre a necessidade de uma melhor qualificação profissional para o mercado de trabalho. Entretanto, para tal, havia inseguranças diversas a serem superadas como ir morar afastado da família, não ter uma rede de apoio próxima, condições mínimas para garantir a permanência no curso, além de ser aprovado em uma prova com base na política meritocrática para ocupar esse espaço. Após prestar o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) no ano de 2011 e no próximo ano manifestar o interesse pela vaga no Sistema de Seleção Unificada (Sisu) fui aprovado na terceira chamada para o curso de licenciatura em História na UFOP.

Já no início do curso conheci o Programa Institucional de Bolsa e Iniciação à Docência (Pibid). Me inscrevi no edital do PIBID do curso de licenciatura em História no segundo semestre do mesmo ano. Após ser aprovado na seleção comecei a frequentar com outro discente do mesmo curso a Escola Estadual de Ouro Preto (Polivalente),

localizada no bairro Bauxita em Ouro Preto - Minas Gerais. Inicialmente, em nossas participações semanais na instituição escolar, meus colegas e eu ficávamos observando o docente lecionar a disciplina de História para uma turma de 6º ano. Depois, passamos a participar mais ativamente das aulas e a elaborar atividades para os alunos.

No decorrer da minha trajetória da formação o Pibid iluminou questões importantes sobre as experiências educativas como a indisciplina na sala de aula, a relação ensino-aprendizagem, a importância da alfabetização de adultos e da democratização do acesso ao ensino público e de qualidade, a gestão democrática, a relação entre família e escola. Tais discussões sobre o tema fizeram com que antes de seguir rumo a pós-graduação no fim do curso, eu buscasse possibilidades que dialogassem com as questões pedagógicas que o curso de História afluíram. Concluí a licenciatura em História no início do ano 2017 e, após me deparar com a matriz curricular 1 do curso de Pedagogia da (UFOP) e com disciplinas que iam ao encontro com tais temas, manifestei interesse nas vagas remanescentes do curso de Pedagogia. Fui aprovado como Portador de Diploma de Graduação (PDG) e comecei a segunda graduação, logo no primeiro semestre de 2017.

1.1- O Encontro com o Setor Educativo do Museu da Inconfidência

Após meu primeiro ano do curso, no terceiro período de Pedagogia, tive conhecimento do Setor Educativo do Museu da Inconfidência após visualizar um anúncio em uma rede social sobre a oportunidade de estagiar no espaço de educação não formal. Havia somente uma vaga que poderia ser preenchida por discentes da Museologia, História e Pedagogia. A inscrição, bem como sua confirmação, foi mediada por e-mail e agendada na Casa do Pilar em Ouro Preto. O curso de Pedagogia está alocado no prédio anexo do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) na cidade de Mariana – MG. Para deslocar-se para o Setor Educativo do Museu da Inconfidência é necessário ir à cidade de Ouro Preto –MG – trajeto esse feito por ônibus circular intermunicipal.

Por se tratar de um estágio remunerado, mesmo que não obrigatório, houve um número considerável de inscrições. A entrevista foi mediada pela coordenadora do Setor Educativo e durou aproximadamente trinta minutos. Foram elencadas perguntas como a importância social do museu na dimensão educacional, as relações de educação diante um espectro mais humanista, as possibilidades de ações educativas que contemplasse a

população ouropretana.

Na época e ainda hoje, o Setor Educativo do Museu da Inconfidência se encontrava no anexo da Casa do Pilar na Rua do Pilar em Ouro Preto, enquanto o Museu da Inconfidência está localizado na Praça Tiradentes. Ambos endereços são no centro da cidade. A Casa do Pilar é uma casa setecentista que antes de ser anexada ao Museu da Inconfidência servia como morada do padre da Basílica Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Sua construção se perpetua como fonte histórica viva, pois mesmo que ressignificada diante novas configurações surgidas com o tempo, ela manteve sua estrutura primária de arquitetura. O espaço é amplo com pátio extenso coberto de pedra sabão, árvores e uma visão privilegiada da rua São José, uma das principais ruas do centro histórico de Ouro Preto, conhecida por seu comércio, restaurantes e casarões. Além do Setor Educativo, o anexo abriga o almoxarifado, a biblioteca e o arquivo histórico, sendo cada ambiente independente do outro. O Arquivo Histórico, que possui um acervo nacional robusto composto de documentos datados do final do século XVIII, também possuía dois estagiários que organizavam as visitas dos pesquisadores, atendimento ao público e a manutenção das obras.

Não tenho certeza de como o espaço se encontra hoje, após a Pandemia de Covid 19, mas à época, para adentrar ao prédio, independente do motivo, era necessário o agendamento com antecedência. A sala do Setor Educativo encontrava-se à direita da entrada principal. O seu interior era composto com diversos materiais de arte-educação como, pincéis, tintas guache, papel cartão, papel sulfite colorido, telas em branco, lápis de cor, mesas extensas, agulha, linhas para bordar, tesoura, borracha, régua, cola, livros de histórias infantis, cadernos de desenho. Era um espaço colorido e vivo sempre frequentado por escolas ou grupos que deslocavam para o ambiente devido alguma oficina realizada pelo Setor Educativo. As paredes eram preenchidas por telas, bordados e cartazes desenvolvidos pelos frequentadores que passaram por ali. Uma parte do piso era revestida de um material verde e aconchegante e tinha almofadas para que se pudesse sentar no chão.

Alinhada à educação museológica, a práxis adotada pelo Setor Educativo do Museu da Inconfidência para o desenvolvimento das práticas educativas traz os princípios da educação não formal. A educação não formal é um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com outro em sociedade (GOHN. 2010 p. 33).

O estagiário dentro dessa perspectiva assume a posição de um facilitador do aprendizado como educador social. As relações de aprendizagem são construídas em conjunto pela oralidade, o estagiário não é um transferidor de conhecimentos, mas um criador para sua própria produção ou criação (FREIRE. 2018. p 47). Então, o educador ao educar se educa diante um viés dialógico, como ser inacabado e em constante transformação. Como nos traz Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE. 2014. p 95). Nessa construção, o Setor Educativo busca enfatizar a aprendizagem de conteúdos que possibilitem:

aos indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos do cotidiano. [...] fazer uma leitura do que está ao seu redor, quem é quem, que projetos e quais interesses que cada um defende, quais são os interesses da maioria que deveriam ser defendidos, quais são as práticas cidadãs e emancipatórias; a aprendizagem da cultura pelos conteúdos que possibilitem os indivíduos fazer uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor (GOHN, 2010).

Além da coordenadora do Setor Educativo, que possui formação acadêmica inicial em Letras - Francês, mestrado e doutorado em Literaturas de Língua Francesa e pós-doutoramento em Educação no tema “Livros Informativos para Crianças”, o espaço educativo era composto por mais quatro estagiários com formações distintas desenvolvendo ações de forma colaborativa todas ações educativas ali presentes. Nos anos em que atuei no museu foram formuladas intervenções educativas com base no documento do Plano Nacional de Educação Museal (PNEM) e na educação não formal, atendendo públicos escolares diversos tanto da rede pública quanto da rede privada de ensino. Por exemplo as visitas Mediadas, oficinas como as "Oficinas de Férias”, “Oficina Meu Museu Imaginário”, “Oficina Meu Lugar na História”, “Oficina de mediação e integração para vigilantes”, “Formação para recepção e bilheteria”. Também, ações com diversas parcerias como a “Oficina de monotipia” em conjunto com a Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP), na “Semana de Museus”, o Projeto “Bordado e resistência: as arpilleras como lugar de memória” em conjunto com o Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas (CAPS-AD) , bem como a oficina o “O avesso da cidade: o bordado e a construção de novos olhares” ofertado em parceria com a mesma instituição.

O Setor Educativo do Museu da Inconfidência é uma instituição vinculada ao Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). O Ibram foi criado a partir da Lei 11.906/09 e compreende as instituições museológicas

como os centros culturais e de práticas sociais, colocadas a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que possuem acervos e exposições abertas ao público, com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade cultural brasileira, o estímulo à produção do conhecimento e à produção de novas oportunidades de lazer. (BRASIL, 2009).

Diante do avanço da sistematização das políticas da educação museal, as instituições museológicas vinculadas ao Ibram e a comunidade museológica, foram construindo o campo das políticas públicas e de pesquisas da educação museal de maneira colaborativa. Consolidou-se a Política Nacional de Educação Museal (PNEM) no ano de 2017. A sistematização das políticas públicas da educação museal contribuiu para fortalecer o espaço dos Setores Educativos e da educação museal como um lugar de direito à cultura, lazer, ao patrimônio histórico e à memória.

2- POLÍTICAS PÚBLICAS DA EDUCAÇÃO MUSEAL E O DIREITO À INCLUSÃO

No cenário museal brasileiro as mudanças referente a sistematização de políticas públicas voltadas para a educação museal começam a fortificar-se a partir da Política Nacional de Museus - Memória e Cidadania (PNM), no ano de 2003 em meio às comemorações do Dia Internacional dos Museus, através do Ministério da Cultura e ampla participação da comunidade museológica. A metodização das políticas da educação museal nacional tem como objetivo suprir as carências de políticas públicas nessa área e foi através da consolidação da Política Nacional de Museus que se tornou possível a construção de um corpus de leis que culminaram na Política Nacional de Educação Museal (PNEM) . O texto sobre a política de educação museal foi instituído pela Portaria Nº 422, de 30 de novembro de 2017, revogada e revisada pela Portaria Nº 605, de 10 de agosto de 2021. A política do PNEM tem como objetivo organizar, fundamentar e fortalecer o campo da educação museal e suas práticas no país (BRASIL, 2021).

A preservação, investigação e comunicação são funções que são atribuídas ao

papel social dos museus. Através do processo museológico entendido como programa, projeto e ação em desenvolvimento ou desenvolvido com fundamentos teóricos e práticos da museologia (BRASIL, 2009) a instituição museal busca mediar as relações com a comunidade na construção de possibilidades voltadas para o trabalho com patrimônio cultural e o território visando o desenvolvimento cultural e socioeconômico e a participação das comunidades (BRASIL, 2009) Para isso, através do acervo da proposta museal comunica-se através das coleções a história a ser (re)lembrada, e (re)interpretada em exposições pontuais ou de longa duração, tal qual, diálogos com a comunidade mediados pelo Setor Educativo visando construir intervenções que contribuam para o acesso democrático aos públicos e ao direito ao acesso à cultura material e imaterial. Também, as produções de pesquisas acadêmicas são de fundamental importância para a instituição, podendo ser conduzidas em parceria com centros de ensino universitário e os funcionários dos museus, potencializando as reflexões sobre as coleções e consolidando o campo de pesquisa. Dessa forma, podemos entender o espaço museal como um ambiente fundamentalmente de educação, uma vez que sua dimensão educativa cria a necessidade da institucionalização das práticas pedagógicas realizadas nesse espaço. Em suma, a dimensão educacional é inerente à instituição museal e a educação museal é a mediadora do diálogo entre museu e sociedade de maneira mais democrática e inclusiva ao direito à cultura universal.

É com base na Política Nacional de Educação Museal e com a proposta de levar ações educativas para diferentes públicos e lugares que o Setor Educativo do Museu da Inconfidência e o Projeto CineClube “Velhos Amigos”, uma ação voltada para idosos moradores de uma Instituição de Longa Permanência de Ouro Preto. Trata-se de um público invisibilizado socialmente e que conta com poucas ações públicas voltadas para seu bem estar e o exercício da reflexão e sociabilidade.

3 - O PROJETO “CINECLUBE: VELHOS AMIGOS”

Diante a multiplicidade de ações desenvolvidas pelo Setor durante o período do estágio destaco o CineClube “Velhos Amigos” em parceria com o Lar de Idosos São Vicente de Paulo. O projeto foi inspirado na obra “Memória e Sociedade: Lembranças de velhos” da autora Éclea Bosi, publicado em 1994. A ação educativa teve início no ano de 2014 com o objetivo cumprir sua função do social da instituição museal visando “desempenhar um importante papel no desenvolvimento de laços sociais e de coesão

social, na construção da cidadania e na reflexão sobre identidades coletivas”(BRASIL, 2017), objetivando garantir o direito de acesso universal à cultura e, nesse caso, através de produções audiovisuais em um público da terceira idade. Até o momento do meu desligamento como estagiário, em 2019, o projeto estava em funcionamento, entretanto com as demandas surgidas da realidade advinda da Pandemia de COVID 19 e a fragilidade da saúde dos idosos, bem como a realocação da coordenadora para outro museu do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), o projeto chegou ao fim.

O Lar São Vicente de Paulo funciona atualmente, no bairro Cabeças, em Ouro Preto. O terreno possui 2 mil metros de área construída com 2 pavimentos e 26 dormitórios, sala de estar, lavanderia, enfermaria, refeitório, capela e uma sala denominada pelos moradores e trabalhadores da "Sala do Lazer". Mesmo que a gerência do espaço não seja remunerada e não visa fins lucrativos, há uma demanda muito grande de funcionários para a manutenção da instituição. O Lar é dividido por alas, sendo o pavimento inferior masculino e o superior feminino atendendo à época, por volta de 60 pessoas, e se mantém através de doações feitas pela comunidade de instituições do município e verba da prefeitura. Também são promovidos eventos e diversas mobilizações internas e externas a fim de angariar doações, necessárias diante das crises emergidas no processo de sua existência.

Durante o período que atuei como estagiário do Museu, o CineClube “Velhos Amigos” aconteciam às quintas-feiras às 15:00hs na “Sala do Lazer”¹ do Lar São Vicente de Paulo. Para o desenvolvimento da atividade do CineClube era necessário se deslocar do bairro Pilar até o bairro Cabeças. O trajeto de aproximadamente 1,5 km era feito a pé ou de ônibus e havia a necessidade de carregar equipamentos como notebook e caixa de som para a reprodução audiovisual. Entretanto, o retroprojetor instalado na “Sala do Lazer” facilitava o aumento da reprodução da imagem de um tamanho considerável.

O café dos idosos acontecia no período da tarde das 14:00hs até as 14:30hs. Os quatro estagiários do Setor Educativo se deslocavam para o corredor da saída do refeitório a fim de persuadir os idosos a se deslocarem para o ambiente proposto. O ambiente das refeições se encontrava ao lado do corredor a caminho da “Sala do Lazer”. Mesmo sendo curta a distância entre o ambiente de alimentação e a sala do cineclube

¹ A “Sala do Lazer” era uma sala no andar térreo da instituição para aproximadamente 20 pessoas sentadas em cadeiras de plástico. Ela dispunha de televisão, mesas, jogos de tabuleiro, livros e um Datashow.

emergiram situações que a abalavam a frequência dos moradores do Lar sendo elas: a falta de familiaridade com as tecnologias audiovisuais, a baixa visão e audição, a autonomia de deslocamento, ações que aconteciam simultaneamente como rezas ou consultas médicas, bem como alterações no clima (nos dias mais chuvosos e/ou frios mais internos permaneciam nos quartos). Ademais, existiam resistência da direção do abrigo referente às atividades que mesclavam homens e mulheres. No período do verão houve tentativas de mudança do horário do Cineclube para o período da manhã situando-o entre o café da manhã às 9:30 e o almoço às 12:00, tendo como objetivo um maior público nas sessões. Os residentes do Lar eram convidados a se juntarem à sessão do CineClube. Os estagiários se deslocavam até as alas masculina e feminina para convidar os interessados como uma maneira de compartilhar experiências. Todos tinham sua individualidade respeitada e mesmo diante das dificuldades, o Cineclube criou um espaço de sociabilidade, mantendo um “público” fixo que variava entre 10 a 15 idosos. Um ponto a ser ressaltado que chamava a atenção dos estagiários é a morte como um fator constante.

Na configuração da “Sala do Lazer” para o atendimento dos idosos colocava-se uma música ambiente até tudo estar preparado para a reprodução da película. Conforme os espectadores iam chegando eles iam sentando nas cadeiras alinhadas, quando todos estavam acomodados a sessão era iniciada.

3.1 - Como Eram Desenvolvidas as Atividades do “Cineclube”

Logo quando entrei no Setor Educativo fui designado a editar os vídeos do CineClube. Em um primeiro momento, a coordenadora do Setor dialogou sobre o início do projeto em 2014 e pontuou as experiências que se sucederam até o momento, destacando os acertos, bem como os tropeços até ali. A ação tinha como objetivo propostas de ações educativas que visavam manter o museu como uma ponte de acesso ao direito à cultura das populações vulneráveis. A escolha do filme devia seguir alguns critérios: era necessário que a película possuísse entre 50 minutos a 1 hora de duração, pois os residentes sentiam dificuldades em permanecer sentados ou na sessão para além desse tempo. Ademais, as animações foram descartadas pelo motivo que os idosos se sentiam infantilizados nesse gênero de narrativa audiovisual. Segundo o relato da coordenadora do Setor Educativo e de outros estagiários que já participavam do CineClube filmes que possuíam um barulho exacerbado como tiros ou roncões de

motores de carros causavam incômodo nos telespectadores fazendo com que uma parte abandonasse a sessão antes do fim da proposta. Então foram me apresentando alternativas de histórias que abordassem temas de pessoas da zona rural como Mazzaropi (1959), Vidas Secas (1964), Babe - O porquinho atrapalhado (1995) ou obras cinematográficas verossímeis às produções de Renato Aragão como a “Turma dos Trapalhões (1986).

Desde a gênese do projeto até o ano de 2019 o CineClube explorou uma gama considerável dos títulos brasileiros norteados pelas narrativas rurais pelos motivos que os moradores do Lar eram provenientes desse meio. No decorrer do projeto o momento que antecede a sessão se tornou de fundamental para que pudéssemos criar uma proximidade com os idosos. O percurso das alas masculina e feminina tinha cerca de 100 metros até a “Sala do Lazer”. Os estagiários iam auxiliando os usuários de cadeira de rodas, ou segurando na mão e ajudando no caminhar os mais dificultosos. Também era no caminho até a “Sala do Lazer” que emergiram histórias dos espectadores, sendo compartilhadas narrativas da mocidade, do cotidiano, sobre a família e as festividades.

Ademais, os diálogos culminaram em pedidos de filmes pelos idosos para uma próxima sessão. Esta atitude centralizou o idoso como o protagonista do CineClube, deslocando o monopólio da reprodução de acesso centrada no Setor Educativo. Por parte dos estagiários, buscou-se exercitar o ouvir o outro como sujeito que sente, que vive e que experimenta. Essas possibilidades começaram a reforçar a noção de pertencimento do grupo.

3.2 - O Cinema como Ferramenta de Educação e Inclusão de Idosos

Alinhado com o Art. 215 da Constituição Federal de 1988, que visa garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, a sistematização das políticas públicas na educação museal fortalece a perspectiva da democratização do acesso aos bens culturais produzidos ampliando a participação de populações vulneráveis.

Nesse sentido, a função social dos museus, juntamente com a preservação do patrimônio, constitui seu propósito fundamental. Levando em consideração que a missão da instituição museal é a de “fazer lembrar” aqueles que não tem direito à memória, o Setor Educativo do Museu da Inconfidência mediado por ações extramuros

e em parceria com a comunidade se fundamenta em uma perspectiva que visa garantir não só o acesso físico ao museu, mas também o direito à cultura por outros vieses.

Grande parte do público idoso está à margem da sociedade, e não participa do público tradicional de visitação ao museu. Em seu apagamento social, o idoso institucionalizado constitui um “não público”. O acesso aos bens culturais poderiam corroborar com resultados positivos em sua formação de identidade, qualidade de vida e o sentimento de pertencimento a uma coletividade. A velhice, principalmente a pobre e institucionalizada, é oprimida, despojada e banida, tornando-se uma causa de dependência e opressão. Segundo Bosi (1994) a opressão da velhice perpassa em mecanismos institucionais visíveis, mecanismos psicológicos, mecanismos técnicos e mecanismos científicos relacionando a sociedade capitalista intimamente com serventia social do idoso e sua capacidade de consumo. Como o velho é um sujeito que não produz e não gera lucro, sua existência é desvalorizada. Então a velhice não existe para si, mas somente para o outro e esse outro é um opressor.

A função social do velho assim como o museu é o “fazer lembrar” seus conselhos se tornam “fonte onde jorra a essência da cultura”. Diferente do museu que possui um lugar de prestígio na lembrança social, o modelo da sociedade capitalista que o idoso está inserido utiliza-se do indivíduo como sujeito útil usando seu braço servil ao longo da vida e calando suas narrativas na velhice. O preconceito da funcionalidade e da capacidade de produção nas sociedades industriais coisifica as relações humanas, assim, a degradação e o banimento a que estão submetidos os idosos não se restringe ao acesso à memória, mas também ao ato de lembrar. Nesse sentido, as suas lembranças são ligadas a experiências de vida que podem ser desenhadas sobre um pano de fundo. Como apontam Mancini, Costa e Guilen (2019) as linguagens cinematográficas buscam ser esse elo entre o direito da cultura, a possibilidade da lembrança, o ato de lembrar e as remodelações do passado e da sua própria história, criando condições do sujeito de ler e escrever o mundo por meio de imagens e das coisas

Segundo Chagas (2002) a democratização das novas tecnologias implicou a apropriação dessa ferramenta por diferentes grupos étnicos, sociais, religiosos e familiares com o objetivo de constituir e institucionalizar suas próprias memórias. Diante a apropriação das novas tecnologias pelo Setor Educativo e do cinema como ferramenta de acesso à cultura pelos idosos da instituição de longa permanência, as sessões do CineCLube promoveram, através das imagens reproduzidas, como afirma Halbwachs (2006) a possibilidade das memórias do passado vir à tona misturando-se

com as percepções imediatas, deslocando-as, ocupando todo o espaço da consciência, interligando as diversas memórias dos sujeitos que fazem parte do grupo identificado como detentor daquelas memórias como um ato de reconstrução, resgatando as vivências no tempo, no espaço e no conjunto das relações sociais. Então,

[...] o contato com filmes produz, num primeiro momento, apenas imagens – entendidos aqui como marcas, traços, impressões, sentimentos – significantes que serão lentamente significados depois, de acordo com os conhecimentos que o indivíduo possui de si próprio, da vida e, sobretudo, da linguagem audiovisual. O domínio progressivo que se adquire dessa linguagem, pela experiência com ela, associado a informações e saberes diversos significa e ressignifica indefinidamente as marcas deixadas em nós pelo contato com narrativas fílmicas. DUARTE (2002 p.74)

Nesse sentido, Mancini, Costa e Guilen (2019) apontam que o cinema atua como ferramenta de intervenção cultural e educacional, possibilita o estímulo aos sentidos e exercita o simbólico exaltando as emoções, produz a reflexão sobre a sociedade, bem como sobre sua própria vida. Além do mais, reafirma a importância do lazer aos idosos e seu acesso a diferentes formas de inclusão e de acesso como o direito social ao divertimento e a convivência.

Muitos idosos tiveram sua primeira experiência com as linguagens visuais cinematográficas dentro do CineClube. As razões que levaram cada indivíduo para o espaço do Lar eram múltiplas. Elas iam emergindo conforme a convivência ia se estabelecendo semanalmente. Diante a volatilidade nas chegadas de novos moradores, no primeiro momento resistência aos convites eram comuns. Os diálogos foram o melhor caminho que encontramos para que os idosos se sentissem à vontade.

O público se mantinha entre 10 e 15 espectadores por exibição, mas alguns idosos esperavam os estagiários do Setor no pátio da instituição toda quinta-feira no horário marcado. Ao apontar na escada de acesso era notável os sorrisos que emergiram seguidos da pergunta: “Qual é o filme hoje?” “Semana que vem você consegue trazer ‘tal’ título?”. Gomes e Farias (2008) identificam o lazer como participante do trama histórico caracterizando a vida em sociedade em um emaranhado de sentidos e significados dialeticamente partilhados nas construções subjetivas e objetivas do sujeito em diferentes contextos.

Nesse sentido, a escolha dos filmes, o planejamento e a adaptação da proposta buscou sanar as demandas dos idosos que frequentam o CineClube. Dessa forma, as sessões semanais visaram de modo vinculado, criar familiaridade com a linguagem e a

estética cinematográfica através de temas que abordam a questão da memória, identidade e pertencimento, mediado e alinhado com as experiências de vivências prévias dos idosos, criando um sentido de coletividade e de pertencimento. Para além das propostas de linguagem audiovisual, o projeto se consolidou como um espaço de compartilhamento e socialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sistematização das políticas públicas da educação museal fortalece as ações dos Setores Educativos, bem como, as possibilidades do acesso ao patrimônio histórico e à cultura por populações que são consideradas “não tradicionais” ao espaço de visitação do museu. A legislação da educação museal que vem se modificando desde o início do século XXI no Brasil corroborou para um corpus sobre as políticas de democratização ao acesso à cultura na contemporaneidade a partir da educação e do direito à memória.

O relato de intervenção através da reflexão teórica visou mostrar como a experiência de estagiar no Setor Educativo do Museu da Inconfidência contribuiu para a reflexão sobre as possibilidades de ações educativas mediados com a comunidade e para a comunidade em uma instituição não formal de educação. Diante da perspectiva da democratização ao acesso à cultura e ao espaço museal, foi possível construir pontes através de intervenções educativas entre os idosos do Lar São Vicente de Paulo e o Museu da Inconfidência.

A partir do papel social do museu, o Setor Educativo do Museu da Inconfidência utilizou-se da linguagem audiovisual como ferramenta da disseminação da cultura e a convivência semanal com os idosos ao longo do período do estágio do Setor Educativo do Museu da Inconfidência fez com que fossem notadas mudanças no comportamento dos grupos de idosos que acompanhavam as sessões do CineClube. Eles começaram a aderir a sessão espontaneamente, aceitando assistir os filmes propostos. Além do mais, solicitaram temas e filmes específicos, manifestando seus desejos, interesses e autonomia. O grupo se consolidou, sendo quase o mesmo em todas as sessões. Houve entrada de alguns novos membros, algumas perdas aconteceram. O luto, bem como o desânimo foram espectadores de algumas sessões. Por outro lado, foram criados vínculos entre os estagiários e os moradores da instituição de longa permanência. Também, como espaço de possibilidade de reflexão, educação e inclusão, o Setor

Educativo do museu corrobora não só como garantidor ao acesso de públicos vulneráveis, mas também como mediador nas vivências das novas experiências de socialização através do cinema. Por fim, a intervenção educativa no Lar São Vicente de Paulo contribuiu com a minha formação como docente e dos demais estagiários do Setor Educativo que, por meio das experiências vivenciadas com os idosos, aprendemos a ser mais humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Bases para a Política Nacional de Museus: Memória e Cidadania**. Brasília: Minc, 2003.

BRASIL. **Lei Federal nº 11.904** de 14 de janeiro de 2009.

BRASIL, **Lei Federal nº 11.906** de 20 de janeiro de 2009.

BRASIL, **Decreto Federal nº 8.124** de 17 de outubro de 2013.

BRASIL. Ministério do Turismo/Instituto Brasileiro de Museus. **Portaria IBRAM Nº 605, de 10 de agosto de 2021. Dispõe sobre a Política Nacional de Educação Museal - PNEM e dá outras providências**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n.153, p.91, 13 ago.2021.

CHAGAS, Mário. **Museus, memórias e movimentos sociais**. In: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias [ULHT]. *Questões Interdisciplinares na Museologia*. Lisboa: ULHT, 2011. p. 5-15. (Cadernos de Sociomuseologia, 41).

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

GOMES, Ana Maria; FARIA, Eliena. **Lazer e diversidade Cultural**. Brasília: Sesi/DN, 2005.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IBRAM. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília: Ibram, 2018.

MANCINI L. ACOSTA, M. L. da, & GUILLEN, S. M. C. (2020). **Cinema como Experiência de Lazer Popular e Inclusão Social: Uma Experiência com Pessoas Idosas**. LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer, 23(3), 618–644.

UNESCO. **Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade**, Paris, 2015. Tradução: IBRAM, 2017.